

O MÉTODO (AUTO)BIOGRÁFICO COMO FERRAMENTA DE ENTENDIMENTO DAS SUBJETIVIDADES DOCENTES

Eider Ferreira Santos (UNEB/FAPESB) ¹

Resumo: Na contemporaneidade, as subjetividades têm ganhado grandes proporções no âmbito da pesquisa, especialmente no âmbito da educação, pois torna-se um meio de compreensão das questões que envolvem aspectos pessoais e profissionais. Nesse íterim, o presente trabalho objetiva discutir a respeito do método (auto)biográfico enquanto ferramenta de entendimento das subjetividades docentes através de histórias de vida desses mesmos profissionais. Desse modo, é preciso compreender como as pesquisas com histórias de vida tornam-se importantes meios de reflexão sobre a formação do sujeito do ponto vista subjetivo e profissional, oportunizando tanto ao pesquisado quanto ao pesquisador olhar para si, observando os aspectos inerentes a sua formação. Para atender a proposta vale-se da abordagem qualitativa de natureza bibliográfica, realizando uma revisão da literatura especializada, tendo como fonte de pesquisa estudos sobre a formação da identidade docente, bem como a respeito do método autobiográfico discutidos por Elizeu Clementino e Rodrigo de Souza (2015), Bueno (2002), Delory-Momberger (2008), Marie-Christine Josso (2004), dentre outros.

Palavras-chave: Histórias de vida. Método (auto)biográfico. Subjetividade

As histórias de vida têm ganhado grandes proporções no âmbito da pesquisa nos últimos anos, especialmente no âmbito educacional. Assim, cabe problematizar as questões que envolvem pesquisa com histórias de vida, mais especificamente no que concerne ao método (auto)biográfico como esse lugar que oportuniza entender diversos aspectos, dentre os quais as subjetividades do professor, tanto do seu caráter profissional, quanto pessoal.

Nessa conjuntura, é pertinente realizar uma revisão da literatura especializada a respeito do método (auto)biográfico, observando suas contribuições no âmbito da pesquisa acadêmica, o que é o objetivo desse trabalho, notadamente no âmbito educacional. Para tal apresentam-se informações a respeito de como esse modo de pesquisa se consolidou, tornando-se tão profícuo para o sujeito pesquisador e pesquisado. É preciso compreender como as pesquisas com histórias de vida tornam-se importantes meios de reflexão sobre a formação do sujeito do ponto vista subjetivo e profissional, oportunizando tanto ao pesquisado quanto ao pesquisador olhar para si, observando os aspectos inerentes a sua formação.

Para a consolidação do que por hora se apresenta fez-se uma revisão literatura especializada, a partir do método bibliográfico, fazendo assim, levantamento do estado da arte da temática em

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/ UNEB, linha de pesquisa, Letramento, identidade e formação de Educadores, tendo como orientadora a Profa. Dra. Maria de Fátima Berenice da Cruz. Membro do GEREL (Grupo de Estudos em Resiliência, Educação e Linguagem) e do GEPHEG (Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Educação e Gênero), Bolsista FAPESB. Endereço Eletrônico: eiderferreira@hotmail.com.

questão, de modo a pensar com mais afinco as questões que envolvem a narrativas de si, ao longo do tempo e da história, pensado suas problemáticas.

Segundo afirmam Souza e Souza (2015) a autobiografia é frequentemente localizada como um fenômeno moderno e, muitas vezes, difícil de dissociá-la de outros gêneros autobiográficos, “notadamente a autobiografia do romance autobiográfico” (2015, p. 173). Tal distinção se aproximaria do desejo de acirrar a dicotomia verdade e mentira, o que seria, segundo os mesmos, algo desnecessário porque é impossível a separação do ficcional do vivido “nas histórias narradas por seus atores, já que estas nos asseguram pouco sobre a identidade de seu autor (e estamos sempre a trabalhar com este pouco), sendo sempre uma versão muito bem cuidada de si, com invenções, alegorias, excessos e sínteses presentes nas narrativas ficcionais” (SOUZA e SOUZA, 2015, p. 173-174).

Todavia, mesmo tendo esse caráter moderno, a autobiografia apresenta-se como um fenômeno que remonta à Antiguidade Clássica. Segundo apontam Elizeu Clementino e Rodrigo de Souza (2015), no período clássico grego haviam dois tipos de biografias: a platônica e a retórica:

O Primeiro tipo é denominado assim por ter se manifestado inicialmente na *Apologia de Sócrates* e no *Fédon*, textos marcados pela representação do indivíduo cujo percurso de vida é orientado pela busca da “verdade”, este horizonte último- e quase inalcançável- do conhecimento, sendo uma expressão do sujeito em crise (no caso da *Apologia*) e das transformações no curso de uma vida (no caso do *Fédon*). O Segundo tipo foi construído por obras de cunho público, uma espécie de discurso civil, um elogio fúnebre ou “jurídico” com características retóricas. [...] Tal acontecimento era uma ação do sujeito em praça pública (SOUZA; SOUZA, 2015, p. 174-175).

Tais informações indicam, desse modo, segundo os autores, que a invenção do homem para si, até então, não havia existido, sendo, pois na ágora que surgiu a consciência autobiográfica. Além do mais, foi também entre os gregos que surgiu a primeira autobiografia, segundo afirmam os autores, a partir de estudos realizados por Bakhtin, cujo título era *A Defesa de Sócrates*, onde fora retratado aspectos da vida privada do mesmo, elementos de cunho social e filosóficos, assim como aspectos relacionados à vida profissional do mesmo o que “[...] nos permite conjecturar sobre a relação íntima entre a profissionalização do sujeito e a necessidade da escrita autobiográfica que, pelo visto, andaram juntas desde o início” (SOUZA e SOUZA, 2015, p. 175).

No entanto, segundo afirmam Souza e Souza (2015), é importante destacar que, apesar dos estudos apontarem a Grécia como o berço do nascimento das narrativas autobiográficas, é preciso considerar que seu desenvolvimento se deu na Roma Antiga como um exercício memorialístico de famílias patriarcais, onde as tradições familiares deveriam ser transmitidas de pai para filho, mantendo a família um arquivo onde eram conservados manuscritos de todos os descendentes da

linhagem. Assim, podemos perceber diferenças entre as narrativas autobiográficas desenvolvidas na Grécia, as quais eram elogiosas dos contemporâneos e as desenvolvidas na Roma Antiga que, ao contrário, orientavam-se para uma narrativa do passado que estabelecia relações entre os antepassados e os parentes vivos.

É nesse mesmo contexto do Império Romano que surgem os primeiros trabalhos sobre os escritos pessoais e interpretações da vida de sujeitos públicos, chamados de *prodígia*, os quais eram destinados a um público restrito, os leitores de obras dos autores retratados, como afirmam Souza e Souza (2015). Restritos também passam a tornar-se as biografias e as autobiografias que, diferentemente dos escritos antigos que tinham um caráter público, com o passar do tempo começa-se a “ascensão de uma consciência privativa do sujeito” (SOUZA e SOUZA, 2015, p. 176) como os diários que evidenciam a importância de um movimento dialético do sujeito consigo e permitiu ao mesmo a subjetivação do discurso.

Segundo Souza e Souza (2015) muitos dos textos antigos originaram-se nesse nesses exercícios autobiográficos sejam em forma de diário, livros de meditações e cartas, onde o objetivo é compreender a si, desfrutar de si mesmo. Tal exercício se apresenta bastante profícuo porque ao escrever sobre si o autor dá vida a história; “a autobiografia, como dispositivo de pesquisa-formação, emerge como campo empírico na contemporaneidade e nos impele a buscar compreender quais relações existem, de fato, entre narrativas de si, formação e invenção de si” (SOUZA e SOUZA, 2015, p. 182); “nos permitem localizar a história de um tempo pela ótica de um sujeito” (SOUZA e SOUZA, 2015, p. 183).

Nesse sentido, as histórias de vida que, em tempos antigos, eram publicizadas nas praças públicas ou para o elogio de uma dada família, toma ares de particularidades com o passar do tempo a partir dos diários, livros e cartas, o que, em certa medida, freia o acesso e, conseqüente, as problematizações dessas narrativas de si. Todavia, em tempos contemporâneos são essas histórias particulares que interessam, por entender que as histórias dos sujeitos trazem consigo as marcas e histórias de um tempo e de toda uma coletividade, amalgamadas com toda força de representação de gênero, classe e profissão. Por isso, nessa mesma contemporaneidade, diversas áreas de produção de conhecimento, têm se debruçado sobre essas histórias de vida, especialmente no campo da educação que têm visto nas histórias de vida de professores fontes inesgotáveis de informações e problematizações.

Contudo, segundo afirma Bueno (2002), o estudo da pessoa do professor é algo relativamente novo no âmbito da pesquisa e surge a partir da não aceitação das formas tradicionais e positivistas de pesquisar, com vistas a valorização das subjetividades. O método (auto)biográfico apresenta-se,

nesse íntere, como uma maneira de ler a realidade do ponto de vista de um indivíduo historicamente determinado. Nessa abordagem podem ser utilizados dois tipos de materiais:

os materiais biográficos primários, isto é, as narrativas ou relatos autobiográficos recolhidos por um pesquisador, em geral através de entrevistas realizadas em situação face a face; e os materiais biográficos secundários, isto é, os materiais biográficos de toda espécie, tais como: correspondências, diários, narrativas diversas, documentos oficiais, fotografias, etc., cuja produção e existência não tiveram por objetivo servir a fins de pesquisa (BUENO, 2002, p. 18).

A partir dessa realidade, percebe-se o método (auto)biográfico como meio que explicita “toda a força da subjetividade do sujeito” (BUENO, 2002, p. 19) e que, por isso mesmo, essa forma de pesquisa tem ganhado força no âmbito educacional: “é inegável a presença e a importância cada vez mais crescente que os estudos com e sobre histórias de vida de professores vêm adquirindo” (BUENO, 2002, p. 21). Isso acontece com o interesse de dar voz aos professores e de valorizar as suas subjetividades, bem como dar direito à estes de falarem sobre si mesmos.

É preciso pensar a formação como um processo que se dá bem antes do ingresso nos cursos de profissionalização, seja na vida escolar, ou mesmo antes disso. “Dessa forma, a abordagem biográfica prioriza o papel do sujeito na sua formação, o que quer dizer que a própria pessoa se forma mediante a apropriação de seu percurso de vida, ou do percurso de sua vida escolar” (BUENO, 2002, p. 22).

A este respeito Sampaio e Ribeiro (2015) afirmam ser as narrativas de si “fonte” privilegiada: “[...] escritas de si que trazem um pouco do vivido na sala de aula, dos desafios, das “conquistas” e dos tropeços” (SAMPAIO e RIBEIRO, 2015, p. 106). Desse modo, tais narrativas suscitam aprendizagens diversas, afinal

[...] trata-se de um processo no qual o professor e a professora são convidados/as a tomar a palavra, se colocar como autor e autora, a dizer sua palavra, a se expor, a se narrar, a mostrar o que faz, vive e experiencia! E nessa liberdade de pensar e se colocar como autor/a da própria formação reside, quiçá, a riqueza do dispositivo; mas não apenas se colocar como autor/a e, sim viver a tensão entre a própria experiência e a dos demais, de escrever sobre o vivido e pensar sobre ele, de escutar, se incomodar, se identificar ou se estranhar...de colocar o pensamento em movimento (SAMPAIO; RIBEIRO, 2015, p. 113).

O desafio está na possibilidade de libertar o pensamento, de modo que os sujeitos pesquisados e igualmente o pesquisador possam escutar o fluxo do próprio pensamento, se coloquem como produtores de conhecimento e não meros receptáculos, demonstrando sua capacidade de pensar. São experiências de narrar a si que proporcionarão a professores e professoras a sair de si, a locomover-se, vivendo “[...] o movimento em lugar da inércia, que jamais se resignem a permanecer no mesmo lugar- não necessariamente um lugar físico, geográfico, mas

principalmente, o lugar que tão bem aprendemos a ocupar com nossas ideias e crenças. Há que se mexer, mover a cabeça, há que se ter encontros, sair do lugar” (SAMPAIO; RIBEIRO, 2015, p. 116).

Tal noção pode ser ampliada a partir das contribuições de Gaston Pineau (2011) ao tratar a respeito das histórias de vida e alternâncias. No entendimento do autor, o trabalho com histórias de vida não é nada simples, muito menos uniforme porque no seu entender a vida abarca diversos aspectos, alternando-se, numa riqueza sucessiva de acontecimentos que precisam ser problematizados e que, sem sombra de dúvidas, estão ligados a outras vidas, a vida de outras pessoas. São nesses aspectos que revelam-se as alternâncias, assim como na “Fragmentação dos grandes modelos recebidos, religiosos, políticos, éticos, profissionais” (PINEAU, 2011, p. 27), os quais “não facilitam o tratamento desses problemas existenciais, profissionais, intelectuais” (PINEAU, 2011, p. 27).

Pensar as alternâncias nas histórias de vida é justamente problematizar as questões que envolvem o dia e a noite da existência, como afirma Pineau (2011), ou seja, as qualidades e defeitos, acertos e fracassos, o pessoal e o profissional, o estudo e o trabalho, o público e o privado. Tudo isso em busca de um objetivo, construir o sentido da própria vida, pois “as histórias de vida tentam identificar as marcas deixadas no caminho, para decodificar as direções que elas podem esboçar” (PINEAU, 2011, p. 29). Nesse ínterim, a investigação das histórias de vida é um meio de perceber um percurso de vida em construção pelas alternâncias da própria vida.

Para além desses aspectos, estudar histórias de vida de professores e professoras torna-se lugar de desconstrução dos estereótipos criados ao longo do tempo a respeito da profissão docente, pois como afirma Bueno (2002):

[...] a produção de relatos de história de vida escolar por parte do grupo de docentes e sua conseqüente discussão têm permitido gerar o que [...] denominam de uma “contra-memória”. Ou seja, o trabalho de pesquisa e reflexão [...] de suas histórias de vida e formação intelectual desencadeia um tipo de análise que as leva, sobretudo, “a desenvolver um processo de desconstrução das imagens e estereótipos que se formaram sobre o profissional no decorrer da história (BUENO, 2002, p. 26).

Caminhando na mesma direção Josso (2004) afirma que as histórias de vida tornam-se lugar para a compreensão da formação do profissional docente, pois todas as histórias particulares, sejam da infância, das aprendizagens, ao serem trazidas a tona “sinalizam que ser humano é também criar as histórias que simbolizam nossa compreensão das coisas e da vida” (JOSSO, 2004, p. 43). Fazer o sujeito, nesse caso o professor, trazer suas experiências, acaba proporcionando o mesmo não apenas contar o que a vida lhe ensinou, mas “o que se aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida” (JOSSO, 2004, p. 43).

Percebe-se, desse modo, que as narrativas autobiográficas se apresentam como um importante meio de compreensão do profissional docente, especialmente do ponto de vista de sua formação. É através desse recurso que será possível fazer o inventário das experiências desse profissional, bem como as transformações de identidade sofridas ao longo da vida e da carreira no magistério.

Esse exercício acaba contribuindo para que o sujeito dialogue consigo mesmo e se permita

descobrir que as recordações referenciais podem servir, no tempo presente, para alargar e enriquecer o capital experiencial, isso porque [...] a história da nossa formação e a compreensão dos nossos processos de formação e de conhecimento podem ser transformadas e enriquecidas (JOSSO, 2004, p. 44).

Ampliando essa ideia, Josso (2004) afirma que a abordagem histórias de vida e formação inscreve-se na corrente das metodologias hermenêuticas de pesquisa porque buscam construir um saber intersubjetivo, trazendo à tona a interioridade dos sujeitos por meio das representações das ideias, sentimentos, emoções, dos valores e de tudo mais que o constitui.

É através dos recursos disponibilizados pelo método autobiográfico que o “não visível”, ou a interioridade torna-se conhecida. É por meio da oportunidade de levar o sujeito a narrar sobre si e por meio da exposição também de si “que a narrativa escrita fornece no próprio movimento da sua escrita de fatos tangíveis, estados de espírito, sensibilidades, pensamentos a propósito de, emoções e sentimentos, bem como atribuição de valores” (JOSSO, 2004, p. 186).

Essa realidade, contudo, torna-se possível caso os sujeitos participantes tornem-se cúmplices da pesquisa, exteriorizando “este material invisível” e, ao mesmo tempo se distancie de si mesmo para pensá-lo, promovendo uma auto-reflexão.

É a partir dessa realidade que a narrativa escrita de si torna-se lugar de testemunho da formação e da pluralidade formadora, bem como dos contextos culturais, das pertencas e das recusas, fazendo o próprio sujeito perceber o caráter heterogêneo de sua formação:

A confrontação intersubjetiva permite a tomada de consciência de que as nossas ideias, as nossas valorizações, os nossos afetos, as nossas sensibilidades, as nossas escolhas, os nossos projetos, as nossas buscas, as nossas maneiras de ser em relação conosco e com o nosso meio humano e natural são constituídos por fragmentos culturalmente heterogêneos (JOSSO, 2004, p. 189).

Nesse sentido a narrativa de si torna-se lugar importantíssimo de manifestação das subjetividades e o meio privilegiado de acesso a própria história e percurso da vida. Apenas por meio da narrativa de si é possível o sujeito apropriar-se de sua vida e ao mesmo tempo representar sua existência.

A respeito dessa questão Delory-Momberger (2008) afirma que: “jamais atingimos diretamente o vivido. Só temos acesso a ele pela mediação das histórias. Quando queremos nos apropriar de nossa vida, nós a narramos. O único meio de termos acesso a nossa vida é percebermos o que vivemos por intermédio da *escrita* de uma história” (Delory-Momberger, 2008, p. 36).

Dessa forma, somente a partir do discurso narrativo o espaço-tempo da representação biográfica ganha forma porque é por meio dela que surge os personagens de nossa vida, as decisões tomadas, os valores.

É somente a narrativa que “faz de nós o próprio personagem de nossa vida; é ela, enfim, que dá uma história a nossa vida: não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 37). É por meio dessa escrita que nos inscrevemos na história e na cultura e, como consequência, nos situamos nas condições históricas dos diferentes tempos e dos lugares que pertencemos.

Destarte, o método (auto)biográfico se configura como uma ferramenta importantíssima para a pesquisa com histórias de vida, especialmente no âmbito da docência, afinal, acessar tais histórias representa uma ganho não apenas para o pesquisado, mas também para o pesquisador. Ambos através desse modo de pesquisa oportunizam a si a repensar suas histórias pessoais e profissionais, se colocando como sujeitos presentes na história e na cultura, ressignificando a si mesmos e promovendo novos sentidos e rumos para suas trajetórias tanto pessoais quanto profissionais. Cabe, pois investigar histórias de vida de professoras, de modo que elas se percebam sujeitos presentes na história e, ao mesmo tempo, produtoras da historicidade da própria vida, delineando novos rumos, metas e ressignificações de si mesmas.

REFERÊNCIA:

BUENO, Belmira Oliveiro. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. In: *Revista Pesquisa e Educação*. USP, 2002, p. 11-30.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Escola, saber e figura de si. In: *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008, p. 100-138.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Modelos biográficos e escrita de si. In: *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008, p. 35-52.

JOSSO, Marie-Christine. As dimensões formadoras da escrita da narrativa da história de vida: da estranheza do outro à estranheza de si. In: *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004, p. 171-192.

JOSSO, Marie-Christine. As experiências ao longo das quais se formam identidades e subjetividades. In: *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004, p. 37-46.

PINEAU, Gaston. Histórias de vida e Alternâncias. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). *Memória, (auto)biografia e diversidade: questões de método e trabalho docente*. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 25-40.

SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Tiago. Documentação narrativa de experiências pedagógicas: escritas de si e formação docente. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). *(Auto)biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação*. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 105-125.

SOUZA, Elizeu Clementino de; SOUZA, Rodrigo Matos de. O fenômeno da escrita (auto)biográfica: localizações teórico-históricas. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). *(Auto)biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação*. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 173-184.